

Escolhas do corpo: uma paisagem biogeográfica da ferida aberta feminina.

**Nathalia Flores Soares
Edgar César Nolaasco
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Brasil**

1. Introdução

La frontera entre Estados Unidos y México es una herida abierta donde el Tercer mundo se araña contra el primero y sangra. Y antes de que se forme costra, vuelve la hemorragia, la savia vital de dos mundos que se funde para formar un tercer país, una cultura de frontera. Las fronteras están diseñadas para definir los lugares que son seguros y los que no lo son, para distinguir el *us* (nosotros) del *them* (ellos). Una frontera es una línea divisoria, una fina raya a lo largo de un borde empinado. Un territorio fronterizo es un lugar vago e indefinido creado por el residuo emocional de una linde contra natura. (Anzaldúa 42)

Coivara de Sombras

I

As horas queimam seus trigais, corvos, flores, brancas e urubus sob minha sombra.

Entre minha sombra e meu corpo,

Chamas vermelhas se esparramam e me projetam com a um filme de chão.

É tempo de coivara de sombras:

as que queima o real e as transformam em ficção.

Logo, erros e acertos, em brasa concederão a cinzas tudo o que fizemos

E nos exibirão a nós mesmos, sem trailers verdes, nus

na floresta cega que nascerá do fogo para assumir o lugar real

(Aquino 268.)

Este trabalho se delinea a partir de nossas sensibilidades biolocais respaldado por uma epistemologia crítico-biográfica fronteira e emergente *a partir* da fronteira de onde habitamos e somos atravessados pela nossa condição de pesquisadores fronteiriços. Debruçamos-nos sobre o projeto intelectual-*bios*-crítico-afetivo de Heloisa Buarque de Hollanda, desse modo compreendemos que somos preenchidos por todas as sensibilidades de nossos corpos que, por conseguinte estão contaminadas nossa escrita.

Nesse sentido, a proposta que respalda a articulação deste texto se fundamenta do outro lado da linha, na contramão das teorias modernas coloniais. Por meio da *defesa do diferente*, buscaremos traçar uma paisagem biográfica descolonial que abarque nosso corpo e nosso *bios* alocados na exterioridade do projeto moderno mais precisamente na fronteira-Sul de Mato Grosso do Sul.

Dito isso, nosso objetivo é pensar em uma paisagem que se ordene a partir do Sul, por meio de um pensamento outro que revele de maneira conceitual e artística a paisagem biográfica onde vivemos em diálogo com nossa pesquisa acerca da autobiografia *Escolhas* (2009) de Heloisa Buarque. Para tanto, convidamos para essa *conversa epistêmica* (Mignolo 13) campos da crítica biográfica fronteira que nos possibilitem adentrar as artes em conjunto com a decolonialidade, como por exemplo o conceito de paisagens/sujeitos biogeográficos (Bessa-Oliveira 2013, 2016, 2018, 2019). Para tanto, utilizaremos duas imagens que, de certa maneira, estão espelhadas nas epígrafes e que nos auxiliaram a discutir nosso corpo de mulher-homem-pesquisador- fronteira por compreendermos que: “há uma biografia do sujeito em todo local geográfico”(Bessa-Oliveira 263.)

Como exposto nas epígrafes, optamos por delinear uma paisagem que ressalte a ferida aberta nas fronteiras e nos corpos femininos, por conseguinte, o eu-lírico do poeta Lobivar Matos se faz pertinente ao que cerne à metáfora da coivara como os corpos que sobram do fogo, fogo esse que pode ser entendido como a colonização. O que sobrou do corpo feminino após a queima patriarcal dos direitos por meio do projeto imperial moderno?

De antemão, penso que essas questões podem ser respondidas em partes por uma ideia de *não-corpo*, exposto por Bessa-Oliveira como: “o “não-corpo” aqui está para a tentativa de pensar um corpo que se consolida livre de disciplina, normas, regras e técnicas”

(Bessa-Oliveira 92). Ainda na esteira dos pensamentos de Bessa- Oliveira, os corpos femininos e fronteiriços, assim como o nosso e o de Heloisa, necessitam ir em direção a uma não disciplinarização do corpo, para consolidar-se como: “uma forma subalterna de pensar outra” (Nolasco 2-3) forma essa que não leve em conta as restrições imperiais modernas que insistiram em classificar o corpo padrão com base no espelho europeu.

Ainda pautados por esses pensamentos, faz-se necessário (de)marcar o lugar ocupado pelo *não-corpo* que servirá como aparato primordial para nossa discussão acerca de uma *paisagem biogeográfica*, Heloisa Buarque de Hollanda compartilha do mesmo corpo feminino e fronteiriço que o nosso, ressalvadas as diferenças, pois estamos alocados em pólos opostos dentro da vastidão do território brasileiro. Falamos nós, uma mulher e um homem fronteiriços, habitantes do estado de Mato Grosso do Sul. Dito isso, entrevejo que nosso lócus enunciativo está afastado dos grandes eixos, as paisagens suscitadas por esse chão latino são totalmente distintas do eixo Rio-São Paulo. Como expresso nas palavras do professor Marcos Bessa-Oliveira:

Enquanto nos lugares situados geográfico e historicamente como fora dos centros, caso de MS – de exterioridade –, os “não-corpos” algumas vezes emergem e encenam-se com mais facilidade e eficiência porque se desvinculam mais claramente do conceito de corpo democrático, dócil e político, por exemplo, construídos também em disciplinas ocidentais. (Bessa-Oliveira 94)

O não-corpo que aqui estamos argumentado a favor se encena sobre e a partir da exterioridade. Por muito tempo, o corpo feminino foi e continua sendo padronizado e excluído, a luta incessante dos corpos femininos se engasta em diferentes tipos em seu texto intitulado “Colonialidade, poder, globalização e democracia” (2002):

Para o que de luta, a re-existência desse mesmo corpo é um ato político, haja vista que foi subjugado. Nesse sentido, para repensá-lo é imprescindível olhar para além dos pensamentos modernos que dualizam o corpo como útil e descartável. Aníbal Quijano ilustra essa distinção interessa aqui, entre seus elementos principais é pertinente destacar sobretudo o dualismo radical entre “razão” e “corpo” e entre “sujeito” e “objeto” na produção do conhecimento; tal dualismo radical está associado à propensão reducionista e homogeneizante de seu modo de definir e identificar, sobretudo na percepção da experiência social. (Quijano 5)

Toda a discussão que estamos propondo em volta do corpo tem sua importância justificada no fato de que: o(s) corpo(s) são perpassados por sensibilidades, emoções e sensações. Nesse interim, a construção de uma paisagem biogeográfica não pode estar dissociada do corpo de quem se dispõe a criá-la. Nossa paisagem é perpassada por nossas sensibilidades e por nosso corpo, há uma *ferida aberta* (Anzaldúa, 2007) em nossos corpos, a qual não podemos simplesmente ignorá-la. Esse corpo feminino de mulher-fronteira grita e se arranha em uma emaranhando de preconceitos homogeneizantes que insistem em defini-lo. Contudo, nossa definição está na contracorrente das experiências sociais modernas, pautada no pensamento de fronteira que nos preenche e atravessa enquanto pesquisadores fronteiriços.

2. *Desenvolvimento*

Reiterada a importância do corpo para nossas elucubrações, passamos a ideia de paisagem agora, exposta em duas imagens as quais elencamos como metáforas de nossas biogeografias e da ferida aberta nos corpos de mulheres. Dado o exposto, a primeira imagem funciona de modo a teorizar acerca do que sobrou de nossos corpos colonizados.



Figura 01 – Um pequeno pedaço de terra após uma queimada, uma tentativa de se fazer uma coivara, as brasas representam as sobras dos corpos femininos após o fogo da colonização, pequenos fogos, porém resistentes e brilhantes, autoria de Nathalia Flores Soares, foto realizada no dia 10/06/2020
Fonte: acervo pessoal

Utilizamos a metáfora da coivara presente no poema de Lobivar Matos, o termo é definido como a queimada de grandes pedaços de terra, uma cena constante das estradas do estado de Mato Grosso do Sul, desse modo a percebemos enquanto imaginário compartilhado por Sul-Matogrossenses. Desse modo, Lobivar nos transmite em seu texto uma imagem do corpo que resta após a queimada, das sombras suscitadas por ela mesma, unindo natureza e lugar, essa junção em si já resulta em uma paisagem, como posto por Bessa-Oliveira: “O lugar e a Natureza, por conseguinte, quero entendê-los que são paisagens inventadas; é questão de pertencimento de alguém ao lugar que modifica essa noção binária e conceitual do locus geográfico” (Bessa-Oliveira 263).

Compartilhando dos pensamentos do professor Bessa-Oliveira, a paisagem que estamos tentando criar a partir da coivara como metáfora dos corpos femininos queimados pelo fogo da colonização se insere, sobretudo, como nosso pertencimento ao lugar em que habitamos. Compreendemos essa paisagem inventada por nós, como uma mistura entre escrita e imagem, a qual trata de ressaltar simbolicamente nossas *experivivências* (Bessa-Oliveira 106.) evocadas pelo lugar geoistórico e epistemológico, se construindo como fotografias-metáforas de um “ser/saber/sentir sensível desses corpos no mundo” (Bessa-Oliveira 106).

Nesse interim nossa metáfora imagética se constrói enquanto arte ao passo que denuncia sensibilidades feminina, como as de Heloisa outrora havia a autora afirmado: “as autobiografias femininas raramente expressam o sentimento de uma singularidade contundente mas que, com frequência, exploram a experiência de uma identidade compartilhada com outras mulheres” (Hollanda 31). De fato, a escrita feminina do eu ressalta diferentes sentimentos entre homens e mulheres.

A imagem aqui elencada representa, ao seu modo, o que sobrou dos corpos femininos alocados na exterioridade deste país colossal, como exposto no poema: “apenas imagens estalando quentes, de tudo que ainda não fui/ Fotografias recortadas do fogo, sob minha sombra, sob minha alma” (Aquino 268). Também se constrói enquanto nossa autobiografia de mulher- homem- pesquisador – fronteiriço. As cinzas expressas pelos restos de queimada funcionam como uma forma de fazer valer nossa proposta epistêmica. Na esteira dessa afirmação, sabemos que mulheres ainda hoje sofrem as dores da colonização que insiste em classificar seus corpos, reduzir sua intelectualidade e as alocar em segundo plano.

O fogo exposto por Lobivar nos funciona como metáfora falocêntrica do colonial, queima, catequiza e homogeneiza o que pode, contudo, as sombras deixadas pela queimada se fazem presente enquanto arte sensível de um lócus específico, construindo assim o que estamos chamando de paisagem biogeográfica, como exposto nas palavras do professor mineiro: “paisagens biográficas, como opção descolonial, são uma combinação de afetos,

sentimentos, condenação racional e compreensão dos princípios sobre os quais foi construída” (Bessa-Oliveira 251).

Dito isso, passamos para a noção de *ferida aberta* (Anzaldúa) exposta na segunda imagem. Buscamos compor um cenário imagético em que a obra alvo de nossa pesquisa entrasse em contato com o chão latino de Mato Grosso do Sul, de modo a entender a ferida aberta como um marco não só na luta de fronteiras, mas também na luta dos corpos femininos, como expresso por Marcos Bessa-Oliveira: “a ferida biográfica brasileira aberta pelo discurso colonizador e mantida aberta pelo discurso estético moderno” (Bessa-Oliveira 326).

Compreendemos que, mesmo de forma inconsciente, as mulheres partilham uma identidade coletiva, o que faz com que surjam movimentos como o feminismo. Tal movimento, surge como uma maneira de reivindicar direitos comuns a todas as mulheres, por meio das semelhanças ressaltar as diferenças que ainda existem entre a classe feminina e a luta por um espaço coletivo onde possam expressar livremente suas singularidades. Heloisa pondera:

O fato é que a autobiografia, enquanto gênero literário, coloca sérias questões do ponto de vista das relações entre os gêneros masculino e feminino. Ou mesmo que, certamente, qualquer texto sobre o “eu” levanta diferentes questões para homens e mulheres. (Hollanda 30)

Nos encontramos em um *locus fraturado* (Lugones 371) o qual se constrói fora dos grandes centros, fazendo com que o olhar destinado a nós, seja sempre em segunda instância, há a necessidade de mostrar as contribuições epistemológicas produzidas por sujeitos que habitam o fora do pensamento patriarcal colonial moderno, aqui incluímos o feminismo e as teorizações fronteiriças pensadas na diferença. Desse modo, a obra *Escolhas* (2009) funciona como ponte que nos chama novamente para as teorizações, ao passo que nos faz refletir acerca da paisagem onde vivemos por meio do processo de escrita autobiográfica feminina.



Figura 02 – Minha/nossas escolhas (Nathalia/Edgar/Heloisa) representadas sob o chão sul-mato-grossense em direção à uma rachadura como metáfora da ferida aberta em lutas de fronteiras e corpos, autoria de Nathalia Flores Soares, foto realizada no dia 10/06/2020

Fonte: acervo pessoal

Heloisa Buarque de Hollanda nos possibilita delinear o proposto pensando em uma articulação de cunho descolonial, desobediente, assentada na contramão da razão moderna. Entendemos o trabalho desenvolvido por Heloisa, durante todos os 50 anos de carreira, como uma das mais genuínas formas de se aplicar a desobediência epistêmica. Ademais, nosso compromisso enquanto crítica biográfica fronteiriça é pensar de modo *outro* o projeto intelectual de Heloisa, ilustrado pela autobiografia *Escolhas*, e re-teorizá-lo tendo por base nossas subjetividades fronteiriças.

Ainda na esteira das reflexões suscitadas pela imagem, o diálogo que estamos estabelecendo com Gloria Anzaldúa se pauta na teorização da ferida aberta representada pela rachadura como uma forma de simbolismo da ferida colonial aberta pelo homem branco, europeu e falocêntrico no corpo-corpus feminino. Ferida essa que muito sangrou e ainda

sangra, é por meio de movimentos como o feminismo que as mulheres podem reivindicar seus direitos e estabelecer um processo de aceitação de seus corpos e também denunciar as opressões vivenciadas nessa luta de fronteiras. O que vemos hoje é uma virada radical na concepção e no conceito de “mulher”, como nas palavras de Anzaldúa “agora todas las partes de nosotras valén” (Anzaldúa 147).

As fronteiras possuem desenhos que definem os lugares seguros e os ilegais dessa maneira se constroem enquanto linhas divisórias entre o nós (mulheres) e eles (homens), há um abismo entre essas fronteiras, como uma trincheira que somente pode ser atravessada por meio de uma ponte epistêmica, a qual está respaldada pela opção descolonial.

Assim, o fazer descolonial nos auxilia a pensar o fora das formações cristalizadas do projeto imperial. À vista disso, entendo que mulheres em situação *fronteriza* são como “ un amasiamento, [...] um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e escuro e lhes dá novos significados” (Anzaldúa 138).

3. Conclusão

Por tanto, buscamos delinear com imagens e palavras nossa paisagem biogeográfica, que se constrói enquanto completadora do nós e de nossa pesquisa. Compartilhamos das mesmas impressões de Bessa-Oliveira quando afirma que: “tenho a impressão de que não estou enganado em pensar de outra forma, somos todos retratos das paisagens do “fim do mundo”” (Bessa-Oliveira 258). Dada a conjectura atual do Brasil, compreendemos que também somos parte das paisagens do fim do mundo, é por meio da escrita e leitura que somos avivados e por conseguinte podemos pensar melhor nosso lócus geográfico.

Elegemos a opção descolonial e o pensamento de fronteira como forma de compreender as subjetividades femininas compartilhadas por intelectuais mulheres do dito terceiro mundo, nossa condição fronteiriça nos conecta com os autores complementadores de forma simbiótica, formamos duetos que originam o que aqui estamos defendendo, a opção descolonial, na esteira dessas elucubrações afirma o intelectual Ramón Grosfoguel:

Esta questão não tem a ver apenas com valores sociais na produção de conhecimento nem com o facto de o nosso conhecimento ser sempre parcial. O essencial aqui é o locus da enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpo-político do sujeito que fala (Grosfoguel 386).

Nos amparamos nas preposições de Grosfoguel como forma de contribuir para nossa argumentação, haja vista que um dos mecanismos da matriz de poder colonial é a exclusão do locus de enunciação, do corpo e da geopolítica do sujeito que fala, o que estamos aqui defendendo é o direito de se pensar corpo-politicamente e geopoliticamente na condição de mulheres que sofrem e habitam na fronteira em que sobrevivem.

O fato é que o pensamento fronteiriço funciona como uma resposta às *epistemologias imperiais* (Grosfoguel 407), uma resposta que emerge do outro lado da linha, do lado mestiço, subalterno, aqui argumentamos em favor do pensamento fronteiriço como uma reação ao machismo colonial, também estamos defendendo o feminismo como uma mudança de paradigma radical das relações hierárquicas que existem na sociedade, para tanto utilizamos como aporte nossa pesquisa para que essa teorização se consolide como uma mudança não só da ordem intelectual mas da ordem da vida.

Á guisa de conclusão, buscamos trazer certa poeticidade ao texto, justamente pelo fato de que o cenário não é dos mais favoráveis, tendo em vista que como ressalta o professor Bessa-Oliveira, “a biografia revela o seu próprio eu. Você narra e é narrado o tempo todo no meio social cultural” (Bessa-Oliveira 265). O fim do mundo parece bater à porta com suas paisagens despoéticas, nosso corpo fronteiriço sente e é perpassado por todas essas questões, haja vista que cada sujeito é único em sua especificidade biogeográfica.

Estudar e pesquisar acerca das teorizações de Heloisa Buarque de Hollanda é aprender o mundo experienciado pelas mulheres a partir da diferença, e é desse modo que conseguimos melhor compreender a luta que as mulheres travam e sangram na tentativa de crescer em um mundo cruel e sanguinolento. Mudar o paradigma não é uma tarefa fácil, contudo, é só a partir da diferença colonial que nos contempla enquanto pesquisadores da fronteira sul de Mato Grosso do Sul, nosso lugar de luta na busca de desmistificar o império cognitivo excludente.

Por fim, o intuito desta teorização se voltou para o fora da interioridade moderna, interioridade essa responsável por limitar todo o pensamento feminino, marginal e fronteiro, alocando pensamentos e corpos em condição de exterioridade. Na esteira das proposições de Nolasco, nossas sensibilidades locais e epistêmicas estão crivadas nesse lugar outro que emerge da exterioridade, nosso compromisso enquanto críticos biográficos fronteiros é olhar para o projeto intelectual de mulheres latino-americanas pelo prisma de uma epistemologia fronteira que: “não reinscreve e repete a velha doxa triunfante da sapiência moderna” (Nolasco 213), mas, que pelo contrário, busca subvertê-las, desobedecê-las e descolonizá-la.

© Nathalia Flores Soares y Edgar César Nolasco

Referências

- Anzaldúa, Gloria. *Borderlands/ la frontera: the new mestiza*. Aunt Lute Books, 2007.
- Bessa-Oliveira, Marcos Antônio. Paisagens biográficas descoloniais. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/2562/1615>>. 2013. Acesso em: 18 jun. 2020.
- . desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS – Estética Bugresca Como Opção Descolonial da arte. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/9474>>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- . Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial para (trans)border corpos em artes da cena. 2018b. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648471>>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- . *Différences Coloniales* – Fronteiras Culturais – Biogeografias e Exterioridades dos Saberes. 2019a. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/2583>>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- . O corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção! “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!”. 2019b. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/563>>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- Boaventura, S. S Meneses, M.P *Epistemologias do Sul*. Coimbra. Almeidina, 2009.
- Hollanda, Heloisa Buarque de. *Escolhas: uma autobiografia intelectual*. Editora Língua Geral, 2009.
- Lugones, Maria. “Rumo a um feminismo decolonial”. Rev. Estud. Fem.vol.22 no.3. Florianópolis set./dez. 2014. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2014000300013&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 18 jun. 2020
- Mignolo, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Editora UFMG, 2003.
- Nolasco, Edgar César. Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplina. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- Quijano, Aníbal. “Colonialidade, poder, globalização e democracia”. In: *Novos Rumos*. Ano 17, nº 37, 2002, p. 4-28. Disponível em:

<http://www.bjis.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192> –
acessado em: 18 jun. 2020.